

# Domingos de Oliveira Maya percurso de um riscador amador ou da responsabilidade técnica no Porto de meados de Oitocentos \*

Manuel de Sampaio Pimentel Azevedo GRAÇA \*\*

Domingos de Oliveira Maya nasceu a 23 de Outubro de 1798, na Casa da Quinta do Paço, na freguesia de Alvarelhos – então pertencente ao concelho da Maia, que depois foi de Santo Tirso e actualmente faz parte da Trofa. Era filho de António de Oliveira Maya e de sua segunda mulher e prima Dona Maria Joaquina da Silva Maya. Foi baptizado na Sé do Porto, na freguesia da Sé, Porto, 28 de Outubro de 1789, tendo por padrinhos Domingos Fernandes Álvares e Dona Eugénia Maria da Silva Reis<sup>1</sup>. Veio a morrer na sua Casa da Rua das Flores, freguesia da Vitória, Porto, a 6 de Abril de 1863, sendo sepultado no Jazigo que mandou construir no Cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, no Porto<sup>2</sup>.

## A Família

Ambos os pais tinham as suas raízes familiares em Alvarelhos. O pai, António de Oliveira Maya (\* Alvarelhos, Trofa, 3.VI.1756; † Valença, 29.IX.1810), herdou o Prazo e a Casa de Sá, em Alvarelhos, que haviam pertencido a sua avó paterna, Maria ou Marianna Domingos da Silva. Foi Coronel de Milícias. No Porto, acompanhou os negócios do irmão Barnabé de Oliveira Maya, de quem viria a herdar uma colossal fortuna, alicerçada, sobretudo, na casa comercial *Barnabé de Oliveira Maya e C.<sup>a</sup>*

Barnabé de Oliveira Maya<sup>3</sup> foi senhor de grande crédito pessoal e autoridade entre os habitantes do Porto. Logo após a revolta da noite de 18 para 19 de Junho de 1808, na qual a guarnição e população da Foz do Douro se manifestaram contra ordens de proibição da passagem de navios britânicos pela Barra do Douro, coube-lhe a missão de relatar os acontecimentos ao Bispo do Porto, Dom Frei António de São José e Castro. Logo ali colocou ao dispor do prelado os seus bens e serviços, sendo nomeado, sucessivamente, Coronel e

\* Agradecemos à Senhora Prof.<sup>a</sup> Doutora Natália Marinho Ferreira-Alves pelo convite que nos dirigiu para a participação no Colóquio; à Senhora Prof.<sup>a</sup> Doutora Lúcia Rosas pela orientação dos últimos anos; e à Senhora Dr.<sup>a</sup> Paula Bessa pelos registos fotográficos dos interiores da Casa do Passeio Alegre, tão gentilmente cedidos.

\*\* Mestre em História da Arte em Portugal pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Técnico Superior da Câmara Municipal do Porto; Professor da E. S. A. P. – Escola Superior Artística do Porto.

Abreviaturas utilizadas: A. D. P. – Arquivo Distrital do Porto; A. H. M. P. – Arquivo Histórico Municipal do Porto.

<sup>1</sup> Cf.: A. D. P. – *Livro de Assentos de Baptismo da Sé de 1798-1804*, fl. 29 v.

<sup>2</sup> O Jazigo e Capela (n.º 8, Secção L, 1.ª Divisão) foi comprado a 5 de Agosto de 1841, e reconfirmado a seus sobrinhos-netos Dona Maria Ludovina Pereira Leitão e Dom Manuel de Serpa Pimentel Pereira Leitão, por Despacho de 29 de Outubro de 1948 [Arquivo da Real Ordem de Nossa Senhora da Lapa, L.º I de Actas, fl. 64 v.].

<sup>3</sup> Barnabé de Oliveira Maya não deixou descendência, apesar de ter casado na Sé, Porto, a 6.I.1777, com Dona Rosa Mendes de Vasconcellos [cf.: A. D. P. – *Livro de Assentos Paroquiais da Sé*, fl. 309 v.].

Brigadeiro de Milícias. Como tal, comandou as forças de defesa da Cidade aquando da Invasão Francesa de 1808. E, com os seus cabedais, pagou boa parte da construção e armamento das trincheiras. Morreu a 29 de Março de 1809, combatendo as forças de Soult, juntamente com o sobrinho Joaquim de Oliveira Maya<sup>4</sup>.

Aos primeiros tambores da 3.ª Invasão, comandada por Massena (1810), o pai António de Oliveira Maya não demonstrou o desprendimento do irmão e do filho, rumando para fora do Reino. Viria a morrer na viagem, em Valença. Parecem, pois, póstumamente as mercês de Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real<sup>5</sup> e de Comendador da Ordem da Torre e Espada<sup>6</sup>.

Após a morte do pai, foi a mãe de Domingos de Oliveira Maya, Dona Maria Joaquina da Silva Maya (\* Casa do Paço, Alvarelhos, 20.IX.1770; † Porto, 30.VI.1841), quem assumiu a tutoria dos filhos menores. Era filha e herdeira de Caetano da Sylva Maya, Senhor da Casa do Valle e do Prazo e Quinta do Paço e Capitão de Milícias; e de sua mulher Dona Rosa Maria de Moura Coutinho, que provinha dos Morgados da Carriça (Muro, Trofa) e de Entre-Águas (Santa Maria do Zêzere, Baião), vergôntea do ilustre 8.º Senhor do Couto de Leomil, Álvaro Gonçalves Coutinho, o *Grão-Magriço* que Camões cantou entre os *Doze de Inglaterra*.

Domingos de Oliveira Maya era o quarto filho de seu pai. De um primeiro casamento daquele, com Dona Luiza Bernardina de Moura († 8.V.1785), nascera António da Maya, que foi Deputado da Nação (\* Porto, 8.III.1778; † Lisboa, 18.VII.1843)<sup>7</sup>, tendo casado com sua parente Dona Anna Joaquina da Maya (com descendência, extinta)<sup>8</sup>. Do segundo casamento, tivera mais seis filhos: Joaquim da Oliveira Maya<sup>9</sup> (\* Porto, 1.X.1793; † Porto, 29.III.1809); José de Oliveira Maya (\* Porto, 2.IV.1795; † Porto, 16.VII.1819)<sup>10</sup>; Domingos de Oliveira Maya; Dona Anna Emília de Oliveira Maya (\* Porto, 22.VIII.1800; † 10.II.1875)<sup>11</sup>, casada com José Pimentel Freire Mesquita de Vasconcellos, 1.º Visconde de Gouveia (\* Gouveia, 1.V.1873; † 15.VIII.1853)<sup>12</sup> (sem descendência); Dona Maria Ludovina de Oliveira Maya (\* Porto, 8.III.1802; † Porto 29.X.1881), herdeira universal do irmão, casada com Bernardo Pereira Leitão de Carvalho (\* Peso da Régua, 26.X.1792;

<sup>4</sup> Cf.: RAMOS, Luis A. de Oliveira (Dir.) – *História do Porto* (3.ª Edição). Porto: Porto Editora, p. 457.

<sup>5</sup> Com 1600 reis de moradia e 1 alqueire de cevada por dia, pago segundo a ordenação [cf.: Arquivo Particular – *Representação da Família Oliveira Maia*], por Carta de Mercê do Príncipe Regente Dom João, de 13.V.1813, e Alvará de 19.VII.1916 [cf.: SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Dicionário Aristocrático* (2.ª Edição). Porto: Centro de Estudos de História da Família da Universidade Moderna do Porto, 2002, p. 14].

<sup>6</sup> Graça publicada na *Gazeta de Lisboa*, n.º 226, de 27.IX.1813.

<sup>7</sup> Cf.: CASTRO, Zília Osório de (Dir.); CLUNY, Isabel; PEREIRA, Sara Marques (Coord.) – *Dicionário do Vintismo e do Primeiro Cartismo (1821-1823 e 1826-1828)*, Vol. II, Col. Parlamento – 7. Lisboa: Assembleia da República, Edições Afrontamento, 2002, p. 76-77. SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Dicionário Aristocrático*, op. cit., p. 13.

<sup>8</sup> Cf.: PINTO, Albano da Silveira; BAËNA, Visconde de Sanches de – *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, Vol. II (2.ª Edição). Lisboa: [Fernando Santos; Luís Wenceslau Barroso; Rodrigo Faria de Castro], 1991, p. 216-217. SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Dicionário Aristocrático*, op. cit., p. 51. ZÚQUETE, Dr. Afonso Eduardo Martins (Coordenação e Direcção) – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, L.ª, 1960-1961, Vol. III, p. 92-93].

<sup>9</sup> Cf.: A. N. T. T. – *Maço 51*, n.º 2 (apensa à de seu irmão António de Oliveira Maya), cit. in SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Arquivo Heraldo-Genalógico* (2.ª Edição). Lisboa: [Fernando Santos; Luís Wenceslau Barroso; Rodrigo Faria de Castro], 1991, p. 410.

<sup>10</sup> Cf.: A. N. T. T. – *Maço 51*, n.º 2 (apensa à de seu irmão António de Oliveira Maya), cit. in SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Arquivo Heraldo-Genalógico*, op. cit., p. 410.

<sup>11</sup> Cf.: A. D. P. – *Livro de Assentos de Baptismo da Sé de 1798-1804*, fl. .

<sup>12</sup> Cf.: FALCÃO, Armando de Sacadura – *Os Lucenas*, Tomo I. Braga: Edição de Carvalhos de Basto, 1993, p. 235-236. PINTO, Albano da Silveira; SANCHES DE BAËNA, Visconde de – *Resenha das Famílias...*, op. cit., Vol. II, p. 36. ZÚQUETE, Dr. Afonso Eduardo Martins (Coord. e Dir.) – *Nobreza de Portugal...*, op. cit., Vol. II, p. 642.

† Porto, 15.V.1880)<sup>13</sup>, opulento morgado alto-duriense (com numerosa e ilustre descendência<sup>14</sup>); Henrique de Oliveira Maya (\* Porto, 15.III.1804; † Lisboa, 24.III.1851)<sup>15</sup>, que não casou, mas deixou geração legitimada<sup>16</sup>, havida de Dona Carolina Angélica Ribeiro (\* Porto, 27.X.1806; † Porto, 28.XII.1875); e Agostinho de Oliveira Maya (\* Porto, 27.X.1806; † Porto, a 28.XII.1875), que morreu solteiro.

## O Homem

Como o pai e os irmãos, Domingos de Oliveira Maya foi Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real<sup>17</sup>, nobilitação provavelmente facilitada pelos heróicos feitos do tio Barnabé e do irmão Joaquim. Contudo, também como herança familiar, Domingos de Oliveira Maya recebeu, por diversas vezes, o epíteto de *Comerciante*, o que lhe valeria alguns dissabores. Logo em 1835, solicitou ao Tribunal de Comércio que o deixasse de declarar como negociante; a 7 de Janeiro de 1860, fez publicar n' *O Commercio do Porto* um desmentido, repetido no *Almanak Commercial, Fabril, Judicial, Administrativo, Ecclesiastico e Militar do Porto e seu Districto para o anno de 1860-1861*<sup>18</sup>. Na realidade, mais certa seria a sua qualificação entre os ricos Proprietários e Capitalistas: da mãe herdou a Quinta do Paiço, em Alvarelhos; por compra, foi Senhor da antiga Casa dos Ferraz Bravo, na Rua das Flores, no Porto; e mandou construir as Casas da Rua do Passeio Alegre e da Rua Bela.

Na Quinta e Prazo do Paiço, reorganizou a propriedade, com o escambo de diversas terras<sup>19</sup>. Esta Quinta servia já de “solar de família”, entendido como o lugar de origem de uma *gens*<sup>20</sup>. Um sobrinho-neto de Oliveira Maya, Bernardo Pereira Leitão<sup>21</sup>, viria a transformar a Casa, dando as ameias ao torreão e fechando a varanda, entre outras obras.

<sup>13</sup> Cf.: AZEVEDO, Correia de – *Brasões e Casas Brasonadas do Douro*. Lamego: [Gráfica de Lamego], 1974, p. 94-95 e 112-113. TEIXEIRA, Júlio A. – *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu Termo. Genealogias. Brasões. Vinculos* (2.ª Edição Fac-Similada), Vol. IV. Lisboa: J. A. Telles da Sylva, 1990, p. 333 e seguintes.

<sup>14</sup> Entre a qual as famílias Sampayo Pimentel, Costa Lima, Serpa Pimentel (Viscondes, Condes e Marqueses de Gouveia), O'Neill (Chefes daquele Antigo e Real Nome, Príncipes de Clannaboy na Irlanda e Representantes do Título português de *Visconde de Santa Mónica*), etc., etc.. O autor deste trabalho é tetraneto deste casal.

<sup>15</sup> Cf.: MARQUES, A. H. de Oliveira – *História da Maçonaria em Portugal. Política e Maçonaria 1820-1869* (2.ª Parte), Vol. II. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 428. SANCHES DE BAENA, Visconde de – *Dicionário Aristocrático*, op. cit., p. 52 [nesta última obra vem erradamente chamado de Henrique da Silveira Maya].

<sup>16</sup> Entre a qual as famílias Brito e Cunha (Representação do Nome) e Brito e Cunha (Viscondes de Pereira Machado), Cabral de Noronha e Menezes, Olazábal y Albuquerque (Condes de Aberlaiz, em Espanha), Álvares Ribeiro, Noronha e Menezes Osório, Alarcão e Albuquerque, etc., etc..

<sup>17</sup> Com 1600 reis de moradia e 1 alqueire diário de cevada, por Certidão de 2 de Agosto de 1816 e Alvará de 8 de Agosto de 1816 [cf.: Arquivo Particular – *Representação da Família Oliveira Maia*. SANCHES DE BAENA, Visconde de – *Dicionário Aristocrático*, op. cit., p. 32].

<sup>18</sup> Cf.: *O Commercio do Porto*, n.º 104, 7 de Maio de 1860, p. 3; e *Almanak Commercial, Fabril, Judicial, Administrativo, Ecclesiastico e Militar do Porto e seu Districto para o anno de 1860-1861*. Porto: Typ. Popular de José Lourenço de Sousa, 1860 [cit. in QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a Arte Funerária Oitocentista em Portugal. Consolidação da Vivência Romântica na Perpetuação da Memória*, Vol. I, Tomo 1.º. Porto: [Edição do Autor], 2002 (Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto), p. 507].

<sup>19</sup> Cf. A. H. M. P. – *Índice Alfabético de Praços e Nota Própria da Excellentíssima Camara Municipal do Porto, da Antiga, Muito Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto*. Tomo I. A a B. *Posto a limpo pellos empregados da Secretaria Rodrigo Jose de Souza Bandeira e Joaquim António Bettencourt d'Azevedo em 1845, sendo cartorário e paleographo Januário Jose da Costa*, Tomo I, fl. 69-73 v.

<sup>20</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite no Porto (1805-1906)*, Vol. I. Porto: [Edição do Autor], 2004 (Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto), p. 38-40.

<sup>21</sup> Neto dos mencionados Dona Maria Ludovina de Oliveira Maya e de Dom Bernardo Pereira Leitão de Carvalho; e filho de Dom Adriano Pereira Leitão de Carvalho, casado com Dona Ermelinda Vellozo da Cruz.

Quanto à Casa da Rua das Flores, actualmente com os números de polícia 21-39<sup>22</sup>, da freguesia da Vitória, Porto, sabemos que fora construída na 1.ª metade do século XVI, tendo pertencido a Manuel Bravo. No século XVIII, foi enriquecida pela introdução de dois brasões-de-armas (de Ferraz e Bravo) e de decorações *rocaille* nos vãos da fachada principal, e pela construção de uma capela, de planta oitavada, cujo risco está atribuído a Nicolau Nasoni<sup>23</sup>. A Casa ficou na família Ferraz Bravo até à morte João Pereira da Cunha Ferraz, que a deixou ao Mosteiro de São Francisco<sup>24</sup>. Muito provavelmente, foi comprada ainda na década de 1830, talvez até antes das expropriações. Ainda hoje mantém a dupla designação de *Casa dos Ferraz Bravo / Maia*.

Deve ter sido grande a sua influência na Cidade do Porto. Em 1837, era Director do Banco Comerciá do Porto (1837)<sup>25</sup>. Nesse ano, fez parte da Comissão da Câmara Municipal do Porto para levantar o monumento a Dom Pedro IV<sup>26</sup>, que só viria a ser concretizado em 1866. Haveria, contudo, de pedir dispensa em comissões posteriores, sem contudo deixar de contribuir para as obras propostas.

Ainda naquele ano de 1837, tornou-se Irmão da Real Irmandade da Ordem de Nossa Senhora da Lapa, em cujo cemitério haveria de fazer construir o seu Jazigo familiar<sup>27</sup>. Em 1842, foi nomeado Jurado da Inspeção-Geral dos Teatros e Espectáculos Públicos Nacionais<sup>28</sup>. Em colaboração com os Marqueses de Lavradio, de Vila Real e de Nisa e com o Conde de São Payo, entre outros nomes sonantes, esteve envolvido na publicação do *Roteiro de D. João de Castro*<sup>29</sup>.

Ainda durante a década de 1820, percorreu a Europa algumas vezes, deixando registadas as suas impressões em diários de viagem. Logo em 1820, acompanhou o irmão Agostinho, sempre muito doente, em tratamentos em Paris; aproveitou para visitar diversas localidades da Galiza (Tui, Santiago de Compostela, Corunha), de França (Bordéus, Tours, Paris, Chalons), da Alemanha (Baden, Carlsruhe, Heidelberg, Mannheim, Frankfurt, Bona, Colónia, Aachen), da Bélgica (Spa, Bruxelas, Antuérpia), dos Países Baixos (Roterdão, Amesterdão, Haia) e do Reino Unido (Londres, Brighton)<sup>30</sup>. Em 1826, sabemos-lo por Paris, Nápoles, algures na Suíça – muito possivelmente em Genebra – e Londres<sup>31</sup>. Finalmente, em 1828, juntou-se ao irmão Henrique, no exílio político deste último, sempre envolvido

<sup>22</sup> Sobre esta Casa cf.: AFONSO, José Ferrão – *A Rua das Flores no Século XVI. Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*. Porto: FAUPublicações, 2000, p. 264-266. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *A Casa Nobre no Porto na Época Moderna (Coleção Portucale)*. Porto: Edições Inapa, 2001, p. 91-92. MARÇAL, Horácio – «A Rua das Flores II», *O Tripeiro*, V Série, Ano X, n.º 11, Março de 1955, p. 329-330. *Porto a Património Mundial. Processo de Candidatura da Cidade do Porto à Classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade – 1993*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1993, p. 172. SOUSA, Francisco de Almeida e; Casimiro S. Arsénio – *Casas Senhoriais do Porto. A Casa dos Maías*. Porto: [s. e.], 1990 (Separata de *O Tripeiro*, Série Nova, Ano IX, n.º 9, Setembro de 1990, p. 266-271).

<sup>23</sup> Cf. SMITH, Robert C. – *Nicolau Nasoni. Arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1922, p. 109-110.

<sup>24</sup> A aquisição da Casa da Rua das Flores deverá ter sido pouco após 1834 e as primeiras alienações dos bens confiscados às ordens religiosas.

<sup>25</sup> Cf.: *Noticiador Commercial Portuense*, n.º 25, Porto, 3 de Janeiro de 1837, p. 98 [cit. in QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto...*, op. cit., Vol. 1, Tomo 1.º, p. 507].

<sup>26</sup> Cf.: QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto...*, op. cit., Vol. 1, Tomo 1.º, p. 507.

<sup>27</sup> IDEM, *Ibidem*.

<sup>28</sup> Cf.: *Noticiador da Cidade do Porto para o anno de 1843*. Porto: Typ. De Faria Guimarães, 1842, p. 69 [cit. in QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto...*, op. cit., Vol. 1, Tomo 1.º, p. 507].

<sup>29</sup> Cf.: *Jornal de Notícias*, a 1.XII.1886.

<sup>30</sup> Cf.: Arquivo Particular – *Diário exacto das minhas Viagens em 1820 por Galiza, França, Alemanha, Paizes-baixos, Hollanda, e Inglaterra*.

<sup>31</sup> Cf.: Arquivo Particular – *Livro de Contas*.

nos movimentos liberais e maçons do seu tempo. Visitou, então, o Reino Unido (Dublin – ainda parte daquela nação –, Liverpool, Londres), a França (Calais, Paris), a Suíça (Genebra, Martigny, Simplon) e a Itália (Milão, Monza, Brescia, Verona, Vicenzio, Veneza, Ferrara, Bolonha, Florença, Roma). Na Cidade Eterna perde-se-lhe o rasto<sup>32</sup>.

Sobre Domingos de Oliveira Maya escreveu o Engenheiro Afonso do Valle Pereira Cabral, numa carta enviada ao Dr. Vasco Valente:

Visto que falei na Casa dos Maías, vem a propósito dar uma indicação resumida da familia que a habitou e com a qual a nossa [Familia Valle Pereira Cabral] era particularmente relacionada. Na minha infância, ainda vivia ali, já de avançada idade, o seu proprietário, Domingos de Oliveira Maia, cuja familia possuía no concelho deste nome, a linda quinta do Paiço, que muito bem conheci e frequentei. Este Senhor Domingos Oliveira Maia era, segundo a minha longínqua reminiscência, extremamente gordo, devido talvez à grande quantidade de água que absorvia. Conquanto eu ao tempo fosse muito pequeno, ainda me recordo que, quando às noites ele vinha a nossa casa, logo um criado aparecia com uma bandeja de copos de água, que ele bebia um após outro! Foi ele quem mandou construir na Foz aquela curiosa casa acastelada, de aspecto algo medieval, no Passeio Alegre<sup>33</sup>.

### A Casa da Rua do Passeio Alegre, n.º 954

A partir dos fins do século XVIII, a boa sociedade europeia inicia a moda da vilegiatura, que acarretará a construção de edifícios próprios. Tem sido comum afirmar que o primeiro edifício de vilegiatura construído em Portugal foi o *Chalet da Condessa*, em Sintra, que El-Rei Dom Fernando II fez construir por volta de 1867<sup>34</sup>, para sua segunda mulher, Dona Elisa Hensler, Condessa de Edla<sup>35</sup>. Podemos, hoje, afirmar que a Casa do Passeio Alegre, mandada construir por Domingos de Oliveira Maya, é anterior e, muito possivelmente, uma das primeiras construções do género em Portugal<sup>36</sup>.

Segundo o próprio Domingos de Oliveira Maya, o terreno foi comprado a 9 de Maio de 1855, a Bento de Souza Villa Nova, emigrado no Brasil, que se fez representar por seu irmão. Esta transacção custou-lhe 1.793.740 reis<sup>37</sup>. Ali existiam já três prédios: um edifício de piso térreo e primeiro andar e duas casas térreas, com os respectivos quintais, poço e barracão<sup>38</sup>.

*Dous em trez mezes depois que comprei o prédio tractei de edificar nelle hũa mt.º vasta, mas nobre predio que Eu próprio o risquei, tanto no exterior, como em suas divisões e arranjos interiores, que meditadamente estabeleci*<sup>39</sup>. A 25 de Julho de 1855, Domingos de Oliveira

<sup>32</sup> Cf.: Arquivo Particular – 1828-1829 – *Emigração de Portugal – viagem para Dublin, Liverpool, Londres, Paris, Genebra, Italia até Florença*, em 4 jan.º 1829.

<sup>33</sup> Cf.: B.[asto], A.[rtur] de M.[agalhães] – «Os Constantinos da Rua das Flores». Para a história duma típica rua portuense», *O Tripeiro*, V Série, Ano III, Julho de 1947, p. 59-60).

<sup>34</sup> Cf.: TEIXEIRA, José – *D. Fernando II. Rei-Artista e Artista-Rei*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1986, p. 330.

<sup>35</sup> Cf.: CARVALHO, Maria Filomena Barros de Carvalho – *Arquitectura e Vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)* [Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997, p. 60.

<sup>36</sup> Ainda antecedida pelo *Chalet do Wilby*, nas Caldas de Vizela, fotografado por Frederick Flower entre 1849 e 1859 [cf.: *Frederick William Flower: Um Pioneiro da Fotografia Portuguesa*. Lisboa: Museu do Chiado/Lisboa 94/Electa, Elmond Editori Associati, 1994].

<sup>37</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 257-259.

<sup>38</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 257 e 261.

<sup>39</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 261. Esta identificação de autoria não deixa de ser notável, sobretudo numa época em que a maioria dos projectos não eram assinados. Por outro lado, permite-nos conjecturar que tenha sido o pró-

Maya apresentou esse projecto na Câmara Municipal do Porto, aprovado no dia seguinte. A autarquia apenas exigia o respeito pelo alinhamento da rua<sup>40</sup>. Contudo, as autoridades militares da Fortaleza de São João Baptista da Foz do Douro levantaram problemas, alegando que a proposta apresentava um edifício de cêrcia demasiado elevada<sup>41</sup>. Resolvidos os diferendos, avançou a obra, executada por pedreiros contratados em Alvarelos<sup>42</sup>.

Ao analisar este edifício, Maria Filomena de Carvalho não estranha a falta de documentação existente nos arquivos municipais, mas caracteriza os existentes de insípidos, sobretudo pela qualidade do trabalho<sup>43</sup>. Na realidade, a documentação existe, estando depositado em Arquivo Particular<sup>44</sup>. Conhecemos, hoje, sete desenhos para a Casa do Passeio Alegre, possivelmente datados de 1854 e 1855. Os dois primeiros, apresentam alçados desinteressantes, lisos de decoração, dentro daquela arquitectura banal que se vinha fazendo no Porto desde a época dos Almadás<sup>45</sup>. Os dois projectos seguintes mantêm-se dentro das regras fornecidas pela “escola almadina”, embora mais animada na decoração, havendo uma lembrança das construções da Rua de São João. Nos quinto e sexto projectos, os respectivos eixos centrais adquirem um novo carácter, com molduras de sabor rococó, rematadas por pedras-de-armas<sup>46</sup>. Seria, finalmente, um sétimo projecto a ser executado<sup>47</sup>.

Ao contrário dos primeiros, este último projecto adopta uma traça medievalizante, ainda que com alguns barroquismos. Num mundo romântico que se introduzia em Portugal<sup>48</sup>, este edifício apresenta-se como um dos primeiros do género no nosso País. Em 1820 e, depois, entre 1828 e 1829, Domingos de Oliveira Maya viajou pela Europa<sup>49</sup>; acrescia o facto de ser um homem culto, certamente leitor dos românticos, cultores do renascido *Ciclo Arturiano* e das lendas das origens das nações<sup>50</sup>. Bebendo todas estas influências, riscará um edifício com reminiscências da arquitectura Tudor, com apontamentos barrocos junto dos vãos.

Dentro deste gosto neomedieval, Domingos de Oliveira Maya mandara já edificar o mausoléu da sua família, no Cemitério da Celestial Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, que Francisco Queiroz aponta como um dos primeiros monumentos tumulares neo-góticos a serem construídos em Portugal<sup>51</sup>.

prio Domingos de Oliveira Maya a riscar o Jazigo da Família Oliveira Maya, no Cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa. Francisco Queiroz adianta ter sido um dos primeiros monumentos neo-góticos existentes em Portugal, com a sua porta em arco quebrado [cf.: QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto...*, op. cit., Vol. I, Tomo 1.º, p. 505-508].

<sup>40</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 231-233.

<sup>41</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 248-250. Curiosamente, o próprio Domingos de Oliveira Maya alega em seu favor uma série de outras construções, entre as quais inclui a de um cunhado do irmão do Governador do Castelo.

<sup>42</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 261.

<sup>43</sup> CARVALHO, Maria Filomena Barros de Carvalho – *Arquitectura e Vilegiatura...*, op. cit., Vol. I, p. 60.

<sup>44</sup> Pudemos publicar parte dessa documentação na nossa Dissertação de Mestrado [GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 210-287].

<sup>45</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, Vol. I, p. 19 e Vol. II, p. 220.

<sup>46</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 221.

<sup>47</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 228-233.

<sup>48</sup> Cf.: ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira – *Arquitectura Neomedieval Portuguesa*, Col. «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas», Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997, p. 99-110.

<sup>49</sup> Cf.: Arquivo Particular – *Diário exacto, das minhas Viagens, em 1820 por Galiza, França, Alemanha, Paizes-baixos, Hollanda, e Inglaterra (1820) e 1828-1829 – Emigração de Portugal – viagem para Dublin, Liverpool, Londres, Paris, Genebra, Italia athe Florença, em 4 de Janr.º 1829* [estes dois documentos estão inéditos].

<sup>50</sup> Cf.: BARREIROS, António José – *História da Literatura Portuguesa* (11.ª Edição), Vol. II. Braga: Editora Pax, 1985, p. 9-21.

<sup>51</sup> Cf.: QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto...*, op. cit., Vol. I, Tomo 1.º, p. 505-508.

Interiormente, todos os projectos organizavam-se em torno de um saguão central, iluminado por uma clarabóia. Esta estrutura será, aliás, comum à maioria dos edifícios deste calibre, construídos ao longo de todo o século XIX<sup>52</sup>. E o cuidado que o proprietário colocou no edifício, levou-o mesmo a riscar as portas do edifício, projectos aplicados integralmente<sup>53</sup>.

É inteligente a organização espacial do edifício, com o pleno aproveitamento da luz. A clarabóia central, decorada com estuques de gosto de influência *Adam*, permite uma funcional iluminação dos espaços interiores. Também os restantes compartimentos são inundados dessa mesma luz.

Em 1857, a casa ainda estava em obras, levando Oliveira Maya a requerer autorização para a construção do muro de vedação, para o que obteve licença a 28 de Julho desse ano<sup>54</sup>. No ano seguinte, Domingos de Oliveira Maya instalava-se, pela primeira vez, na Casa, acompanhado da sua família<sup>55</sup>. Contudo, ainda faltavam os acabamentos dos tectos, em estuque, boa parte das pinturas e os papéis de parede<sup>56</sup>. Nos meses seguintes, terá sido mobilada, restando ainda o inventário de todo o recheio<sup>57</sup>.

Três anos depois, a 2 de Abril de 1860, o muro voltado para a Travessa do Passeio Alegre encontrava-se arruinado, pelo que foi pedida nova licença, concedida a 30 desse mês<sup>58</sup>.

De entre as construções da Foz, Pinho Leal apenas destacou dois edifícios: a Quinta do Monte, já então do Barão de Roeda, John Alexander Fladgate, e esta Casa dos Maias, no Passeio Alegre<sup>59</sup>. Já Alberto Pimentel incluiu esta última entre as *de melhor aspecto*<sup>60</sup>, juntamente com a dos Viscondes de Pereira Machado<sup>61</sup>. Aliás, destes edifícios afirmaria estar *longe de ter esse conforto, esse interior cheio de agasalho e de elegancia, que se encontra hoje, por exemplo, na maior parte dos chalets da Granja e do Estoril. Eram casas boas – talvez as primeiras casas boas que se construíram na Foz, – mas limitavam-se a possuir pouco mais do que o absolutamente indispensavel para passar dous mezes fóra da terra*<sup>62</sup>.

<sup>52</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 222-227.

<sup>53</sup> Cf.: *Ibidem*, p. 241.

<sup>54</sup> Cf.: *Ibidem*, p. 234-235.

<sup>55</sup> Acreditamos que se referia a sua irmã Dona Maria Ludovina de Oliveira Maya e ao marido desta, Bernardo Pereira Leitão de Carvalho, com quem viveu sempre.

<sup>56</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 262.

<sup>57</sup> Cf.: IDEM, *Ibidem*, p. 264-284. Ainda que pouco comuns, alguns destes inventários têm vindo a ser publicados [cf.: ANTUNES, Manuel Engrácia – «Notas sobre inventários de mobiliário da Câmara Municipal do Porto no século XVIII», *Barroco. Actas do II Congresso Internacional*. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p. 439-458. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *A Casa Nobre...*, op. cit., p. 112-113].

<sup>58</sup> Cf.: GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo – *Construções de Elite...*, op. cit., Vol. II, n.º 14, p. 236-237.

<sup>59</sup> LEAL, Augusto Soares d'Azevedo de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de grande numero de Aldeias. Se estas são notaveis por serem patria d'homens célebres por batalhas ou por outros factos importantes que n'ellas tiveram lugar, ou por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes. Notícia de muitas Cidades e outras Povoações da Lusitania de que apenas restam vestigios ou sómente a tradição*, Vol. III. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1876, p. 223.

<sup>60</sup> Cf.: PIMENTEL, Alberto – *O Porto ha trinta annos*. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz, Editores, 1893, p. 240.

<sup>61</sup> Desconhecemos qual fosse esta Casa, contudo, sendo a obra de Alberto Pimentel de 1893, podemos pensar ser a Casa de Dona Margarida Rosa Pereira Machado (Pereira Machado), por nós já referida.

<sup>62</sup> PIMENTEL, Alberto – *O Porto ha...*, op. cit., p. 240.

### A Casa da Rua Bela, n.º 3

A 5 de Junho de 1860, Domingos de Oliveira Maya apresentou um projecto para a construção de um novo prédio<sup>63</sup>, contíguo ao da Rua do Passeio Alegre, mas apenas com frente para a Rua Formosa – actual Rua Bela. Na realidade, a proposta submetida a apreciação municipal propunha *reformular desde os alicerces, subindo-lhe hum andar com águas furtadas*<sup>64</sup>. Ouvidos os membros da Junta das Obras Públicas – entre eles Joaquim da Costa Lima Júnior e José Luiz Nogueira –, foi passada a Licença n.º 332, de 6 de Junho.

Neste segundo edifício, Domingos de Oliveira Maya não demonstrou o mesmo espírito audaz de outrora. Na realidade, o corpo principal do prédio apresenta-se de forma muito contida, dentro da arquitectura banal que desde há muito se vinha fazendo no Porto. A ladear, duas pilastras graníticas, muito pouco profundas; no pano de alvenaria rebocada, rasgam-se três vãos em cada piso: no andar térreo, duas janelas e uma porta, colocada lateralmente; no 1.º andar, duas janelas de peitoril ladeando uma de sacada, de base pética pouco saliente. Remata este corpo uma cornija pouco saliente.

É sobre esta cornija que se impõe todo o arrojado do edifício. O terceiro piso – a que a licença chama de *águas furtadas*<sup>65</sup> – ergue-se um arco canopial, emoldurado a granito e rasgado por três vãos: dois óculos, ladeando uma janela de peitoril, esta última rematada superiormente por um arco canopial.

Na realidade, parece repetir-se aqui a solução apresentada na Rua do Passeio Alegre nos vãos do torreão, rematadas por arcos canopiais. E isso acontece em duas escalas diferentes: no contorno do edifício e no vão central do último piso.

### Reflexões Finais

A obra de Domingos de Oliveira Maya é escassa. Conhecemos-lhe o risco de duas obras e de seis outros projectos, estes jamais concretizados. Podemos, ainda, arriscar uma atribuição do desenho do seu jazigo familiar. Contudo, Oliveira Maya trouxe novas configurações à Cidade do Porto, criando um alçado de sabor revivalista, que ainda impressiona e marca a Rua do Passeio Alegre.

Onde se inspirou o autor para o risco destes edifícios?

Não foi certamente nas casas dos cunhados, de que foi frequentador assíduo: naquelas do 1.º Visconde de Gouveia – Casas de Sedielos e de Remesal e Quinta de São Gião ou Santa Júlia (todas em Sedielos, Peso da Régua) – e, sobretudo, nas de Bernardo Pereira Leitão de Carvalho – Casa de Santa Cruz (Sé, Lamego), Quinta de Valle de Abraham (Cambres, Lamego) e Casa Grande de Poiars (Poiars, Peso da Régua)<sup>66</sup>. Todos estes edifícios são construções solarengas, dentro da arquitectura vernacular de tradição barroca, com apontamentos de erudição nos eixos centrais e nalguns elementos decorativos.

Sabemo-lo, também, assíduo viajante pela Europa Central durante a década de 1820, não sendo de desprezar outras viagens nas décadas seguintes. E, pelos dois roteiros de viagem que nos chegaram, sabemos o que viu, por onde andou e as impressões com que

<sup>63</sup> A. H. M. P. – *Livros de Plantas de Casas*, n.º XXV, fl. 230-232.

<sup>64</sup> *Ibidem*, fl. 230.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> Por exemplo, em Colónia não deixou de comentar a beleza da Catedral, embora refira o facto de ainda não estar concluída. Noutras paragens, registou o estado ruinoso deste ou daquele monumento, ou a beleza das igrejas e catedrais, num espírito já dentro do primeiro movimento Romântico.

ficou – ora perante a liberdade ideológica no Reino Unido, ora perante as obras de Arte dos mais diversos locais que visitou<sup>67</sup>.

Sabemo-lo, finalmente, cioso do seu estatuto de aristocrata, que poderia ter projectado para as obras que fez construir. Contudo, assim o não fez: o “solar de família” estava já fixado na Quinta do Paiço e a residência permanente e urbana na Casa da Rua das Flores. As novas Casas da Foz do Douro deveriam servir apenas como construções de vilegiatura e como tal deviam ser entendidas. Pelo que não tinham de adquirir um aspecto solarengo, radicado na tradição dos séculos anteriores; mas, tão somente, mostrar o cariz nobre do seu proprietário.

É assim que entendemos liberdade na concepção destas construções, onde o autor/encomendador pôde recorrer a estéticas românticas, misturando gostos revivalistas e revisitando estéticas. No alçado do Passeio Alegre, encontramos um carácter profundamente medievalista, pontuado com vãos de sabor *neo-tudor* e com decorações neo-barrocas. Já os restantes alçados apresentam-se desinteressantes e desprovidos de decoração. O mesmo acontecerá na Casa da Rua Bela, apenas animada pelo remate superior.

Por curiosidade, referimos um pequeno papel guardado em Arquivo Privado, escrito em jeito de anúncio jornalístico, onde Domingos de Oliveira Maya declarava estar construída a Casa da Rua do Passeio Alegre, avisando, desde logo, que a mesma não estava disponível para receber ninguém, *nem mesmo pombinhos recém-casados*



Fig. 1  
Retrato fotográfico de  
Domingos de Oliveira Maya  
[Col. do Autor]

<sup>67</sup> Arquivo Privado – Representações da Família Oliveira Maia.

*Dom. de Oliveira Maya*

Fig. 2  
Fac-simile da assinatura de  
Domingos de Oliveira Maya



Fig. 3  
Casa dos Oliveira Maya, na Rua do Passeio  
Alegre, n.º 954  
[Fotografia do Autor, 2004]



Fig. 4  
Casa dos Oliveira Maya, na Rua Bela, n.º 3  
[Fotografia do Autor, 2005]